

QUASE NADA

Rochelle Costi

NADA, 1990. emulsão fotográfica, pastilha cerâmica, metal, olho mágico, cartão postal e lâmpada. 82 x 65 cm

Poesia é coisa de nada
Lenora de Barros

De todas as coisas que existem, as que realmente importam são aquelas que nos fazem interromper um percurso e prolongar um instante. Por esta razão, nem tudo o que existe é igual para todos. Cada um constrói o seu relicário como pode, como quer, recolhendo do seu cotidiano um universo particular. Coleções, quem não as constrói?

Reter o tempo é um ato heróico, é o que diz um dos aforismos da artista norte-americana Jenny Holzer. Apropriando e reacondicionando objetos e imagens, nós estaremos sempre praticando esta retenção do tempo, e ainda solidarizando-nos com a memória que cada um destes elementos carrega. Paradoxalmente, enquanto colecionadora, Rochelle Costi confessa uma *intenção de envelhecimento*¹ em suas superfícies sensibilizadas para receber a ação da luz. Neste caso, a fotografia se faz diferente dos processos convencionais. Em seus trabalhos realizados entre 1982 e 1992, Rochelle exercitou a impressão de imagens sobre placas emulsionadas. “**NADA**”, diz a artista, foi quase uma frustração, no tempo em que ela ainda se ocupava manualmente de todas as etapas de produção de seu trabalho, desde a revelação dos filmes em preto e branco até a ampliação e a adaptação dos mesmos em diferentes tipos de suporte. O que poderia parecer, por exemplo, um fragmento de parede *readymade*², uma espécie de *objet trouvé* dadaísta³, é de fato uma construção cuidadosa de uma superfície específica, manufaturada com pastilhas cerâmicas coladas sobre um antigo pôster reaproveitado. O destino dos objetos é sempre incerto, e transportam consigo uma poética singular. Quando Francis Ponge nos diz que os objetos cotidianos tomam partido, e assumem a prerrogativa de dar voz

¹ E-mail que recebi de Rochelle Costi em 12 de outubro de 2006. Todas as demais declarações da artista mencionadas neste texto provêm da mesma correspondência.

² Remeto-me aqui à expressão criada por Marcel Duchamp para designar uma série de objetos que, deslocados de seu contexto cotidiano, e eleitos pelo artista, passam a integrar o *contexto da arte* institucionalmente reconhecido..

³ Termo cunhado pelo movimento dadaísta, para objetos encontrados ao acaso e inseridos na construção de uma obra de arte .

às coisas, ele legitima, de certa maneira, estes métodos de apropriação do real e de ajuste entre a intenção e a realização de uma proposta, exatamente como vemos na proposição de Rochelle Costi. Sim, as coisas, quando assinaladas por um olhar, acabam por configurar-se como o próprio ponto de partida de uma ação. **NADA** nos trás a ação-testemunho de uma desintegração acelerada da imagem projetada e sobre a qual, somente a artista, conhece seu contorno. Imagem-resíduo. Imagem-segreto, como o *Ruído secreto* de Marcel Duchamp.⁴ O segredo é também elemento chave – e elemento sonoro. O segredo faz barulho, e no caso deste trabalho em especial, é uma mancha. Que ruído seria este, um murmúrio desviante? Uma mancha pode ser tudo, e eis o valor de **NADA!** Uma espécie de véu que esconde o primeiro traço, encobre a lembrança de um acontecimento. Rochelle Costi ainda mantém a imagem de origem que foi fotografada e ampliada sobre a superfície modular. Prolongamento de braços nus, mãos que seguram um objeto no centro do quadro⁵. Mas a diferença entre o antes e o depois do equívoco no processo de fixação é o que qualifica o resultado apresentando-o como prova real da operação. A figura que estaria ali faz aparecer a evocação de uma *intimidade*.⁶ O que pode, então, aparecer no intervalo entre o desejo de imagem e seu quase apagamento? Talvez uma rasura na paisagem, como bem queria Ana Cristina César.

a fotografia
é um tempo morto
fictício retorno à simetria

secreto desejo do poema
censura impossível
do poeta⁷

Uma estreita fenda entre o dentro e o fora da fotografia, entre a parte interna e o exterior de um suposto edifício em ruína. Diante dos olhos, as pastilhas rememoram a arquitetura dos anos cinqüenta no Brasil. Através dos olhos

- ⁴ **WITH HIDDEN NOISE – COM UM RUIDO SECRETO – 1916** - Este fantástico trabalho de Marcel Duchamp consiste em um novelo de barbante posto entre duas placas quadradas de latão, que são fixadas por quatro longos parafusos. De acordo com as instruções de Duchamp, seu amigo Walter Arensberg afrouxou os parafusos e colocou um pequeno objeto dentro do novelo de barbante sem contar a Duchamp o que era. Este é o **barulho secreto** que pode ser ouvido quando o objeto é balançado. As placas de latão estão gravadas. Palavras francesas e palavras inglesas estão justapostas e faltam letras na escrituras.

⁵ Esta imagem me foi enviada por e-mail, sendo que o primeiro arquivo chegou com a seguinte indicação do programa: "visualização não disponível", o que vem fazer eco ao processo de Rochelle Costi nesta série específica de trabalhos.

⁶ *Intimidades* é título de outro trabalho de Rochelle Costi, realizado seis anos antes de *NADA, que nos oferece além de fotografias justapostas, com imagens de álbum de família e detalhes de cenas domésticas, uma inscrição com letras raspadas sobre a tinta da própria moldura: "A VESGA SOU EU"*.

⁷ CESAR, Ana Cristina. "Como rasurar a paisagem" in: *Inéditos e Dispersos*. Editora Atica, São Paulo, p.79

mágicos, ecos de um gesto *Étant donnés*,⁸ que nos leva a espiar por orifícios: o que vemos não é um corpo com as pernas abertas como no trabalho de Duchamp, senão a própria paisagem urbana paulista, *uma cena aberta da cidade* reproduzida em preto e branco, reavivando os anos cinqüenta em cartão postal, superposta a uma caixa de luz de publicidade também da década de cinqüenta.

NADA. Quatro letras em bronze também são resíduos, provavelmente tudo o que sobrou de uma construção. Quatro letras e dois orifícios: espécies de olhos que recuperam imagens essenciais, exatamente como nos lembra Beckett. *“Estes olhos de gaivota me desagradam. Me lembram um velho naufrágio, não sei qual. Sei que é um pequeno detalhe. Mas eu me assusto fácil atualmente. Conheço essas pequenas frases que parecem não ser de nada, e uma vez admitidas, podem emprestar toda uma língua. Nada é mais real que nada”.*⁹

⁸ *Étant donnés* é o título da obra Marcel Duchamp, realizada em segredo entre 1946 e 1966, mas somente apresentada após a morte do artista, a seu pedido, no Museu da Filadélfia. No manual de instruções para a montagem do trabalho encontra-se, para a palavra espectador, a definição de *voyeur*, o que também me faz aproxima-lo do trabalho de Rochelle Costi.

⁹ BECKETT, Samuel. Malone morre., São Paulo, , Códex, 2004. p.26